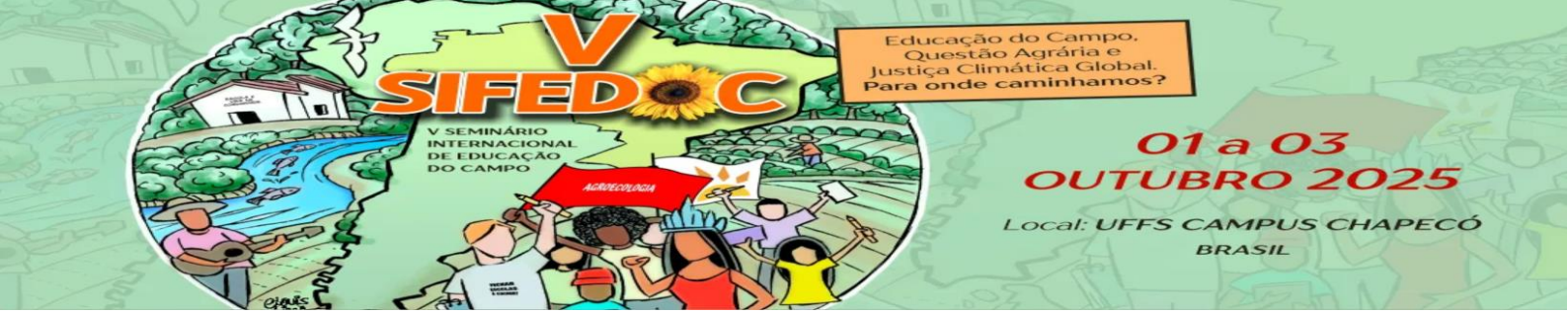


MÍSTICA E EDUCAÇÃO DO CAMPO: RESISTÊNCIA, LUTA E ESPERANÇA

Ana Paula Arnold Machado[1]

Carolina Orquiza Cherfem[2]

Círculo de Saber: 04 – Formação Inicial e Continuada de Professores

Palavras-chave: Mística; Educação do Campo; Coletividade.

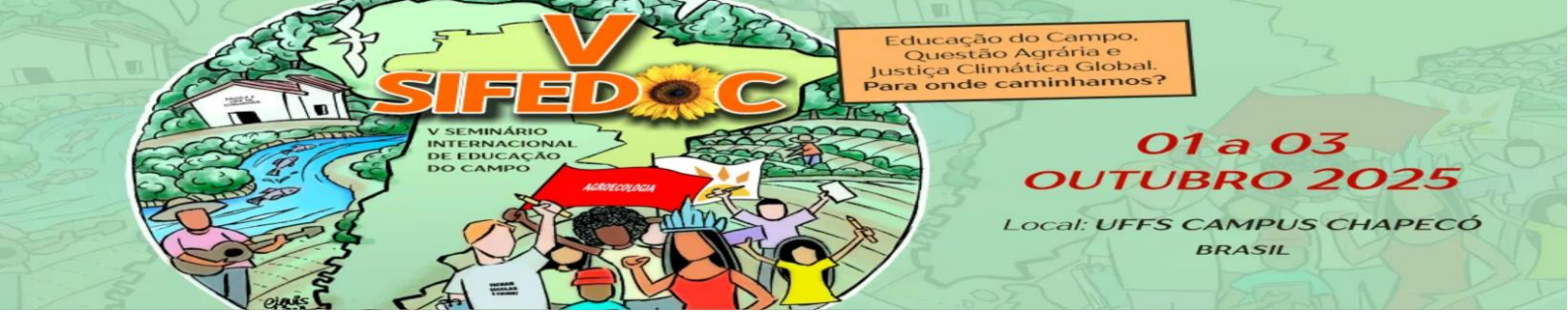
Introdução

Em uma tarde de novembro do ano de 2024, na sala do GECA (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Escola do Campo e Agroecologia) chegavam elas, uma a uma. A cada chegança uma história, uma angústia, uma indignação desabafada entre as companheiras ali presentes, pois presentes também estão nesta sociedade calcada em um sistema patriarcal e de desigualdades sociais. A partida para o propósito do encontro ainda não tinha sido dada, porém ali, mesmo sem percebermos, a mística já tinha começado entre a resistência, a luta e a esperança.

Este trabalho propõe trazer um relato sobre a experiência de criação da mística que foi realizada no Seminário de 15 anos do curso de Licenciatura em Educação do campo, na Universidade Federal de Santa Catarina, que ocorreu no dia 29 de novembro de 2024. Foram sete mulheres que se uniram durante três encontros educativos com o propósito de realizar uma formação sobre a mística e, ao mesmo tempo, preparar a mística do encontro citado. Destaca-se que, ao relatar essa experiência num evento, busca-se afirmar a importância da mística na formação de professores e professoras no âmbito da Educação do Campo.

[1] Graduanda em Licenciatura em Educação do Campo arnoldvalentincristal@gmail.com

[2] Docente do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFSC. carolina.cherfem@ufsc.br



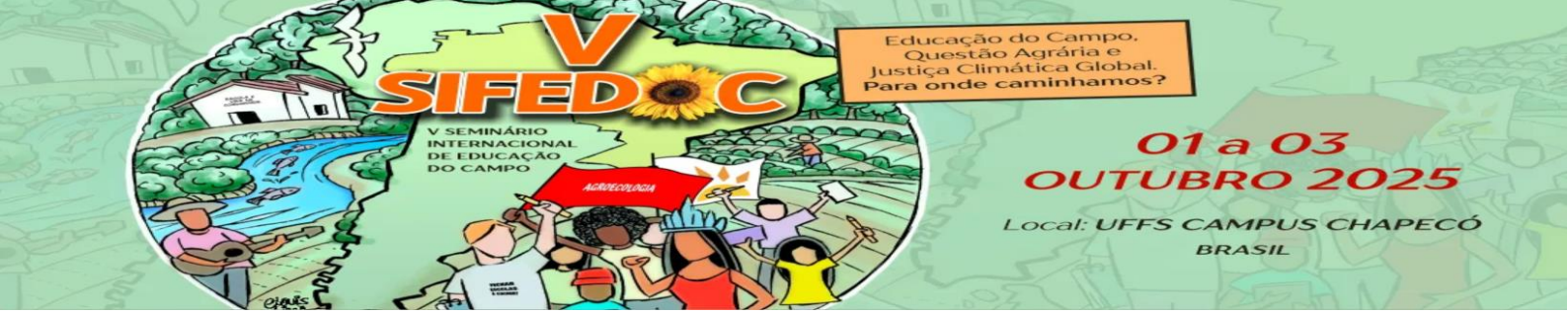
A mística como fortalecimento na construção de espaços coletivos, identidade e transformação social

De acordo com o que propõe a Educação do Campo em seu cerne, tanto ético quanto moral, que é de zelar pelo desenvolvimento integral dos indivíduos em diversos aspectos como: cultural, social, afetivo, cognitivo, ecológico, físico, estético e ético, a mística vem como um elemento importante que contempla todos esses princípios. Ela aborda essas ações multidisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares e, conforme Bogo (2010, p.219), ela “antecipa aquilo que deverá vir a ser ao mesmo tempo que está sendo”, sendo um passo importante que aquece as discussões a serem realizadas a partir de múltiplas racionalidades.

A fim de proporcionar essa formação, o “Seminário de 15 anos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFSC” trouxe como centro das discussões as experiências de vida, de trabalho, de luta, de existência e resistência como fontes de aprendizagem e saber, utilizando a mística durante as suas atividades. O GECA proporcionou a formação com docentes e discentes, para pensar, criar e realizar a mística de abertura deste evento, possibilitando a formação e a criação ao mesmo tempo.

No primeiro encontro realizamos um reconhecimento de cada participante do processo formativo e criativo, todas mulheres. Tivemos trocas e diálogos enriquecedores e que nortearam as decisões e as idealizações posteriores. Diante das mulheres ali presentes, surgiram muitos assuntos sobre representações significativas da história da educação, de lutas, de desigualdades sociais de classe, raça e gênero.

A partir destas, a construção foi se edificando, tendo como compromisso de cada uma pensar sobre temas que representassem a história da Educação do Campo, uma história cunhada pelos movimentos sociais e que iniciou num processo de resistência anterior à própria Educação do Campo, a saber: nomes de revoluções, guerras que contribuíram para uma justiça social um pouco mais relevante; nomes de



mulheres que fizeram a diferença com as suas ações a fim de um empoderamento social das minorias e que por muitas vezes acabaram sendo assassinadas; a história do fechamento de escolas do campo de forma arbitrária e ilegal; nomes e anos das turmas desde o início do Curso na UFSC, em 2009 até a última, em 2025; legislações, programa e conferências que amparam a existência e resistência da Educação do Campo. Neste dia também foi decidido que uma música seria a base da mística e que seria uma do Levante Popular da Juventude, de Bruna Gavino “Em cada canto de minas”.

Anterior ao segundo encontro já tínhamos um grupo de whatsapp onde combinados e informações estavam sendo compartilhadas, além da elaboração de um início de roteiro para o coletivo adicionar e colocar sugestões. No dia da junção presencial, fomos para a parte prática, cada qual com o que ficou comprometida a levar (instrumentos, ideias, complementos). Este dia foi possível visualizar o que a coletividade é capaz de produzir através do pensar e das trocas entre realidades e corpos diversos.

> A criatividade que surpreende o inimigo surge das práticas mais simples, originadas na inspiração de produzir o novo. Assim, as lutas, que formam os fatos lembrados pelas datas, e descritos, associados aos lugares, como cenários artísticos articulados, também produzem os sujeitos individuais e coletivos. (Bogo, 2012, p.477).

Ao longo dos dias que precederam o encontro final e a realização da mística, de forma virtual, finalizamos os últimos ajustes do roteiro. A terceira e última junção deste coletivo foi abundante em entusiasmo e criação. Cabe destacar que no processo muitas habilidades foram mobilizadas: pessoas que nunca atuaram passaram a atuar, pessoas que nunca tocaram um instrumento aprenderam a tocar para se apresentar, além dos próprios conhecimentos históricos de pesquisa mobilizados para a confecção da mística e a formação sobre a mística em si.

No dia da apresentação da mística no evento, regada a muita amorosidade entre as companheiras, euforia e nervosismo, fizemos um aquecimento com acolhimento e técnicas teatrais, repassamos o que tínhamos que repassar, reconhecemos o espaço e fomos realizar a mística, com o intuito de iniciar este evento

não só como um alimento, mas também para dar a fome, fome de justiça e esperança para a energia do combate.

Os aplausos foram intensos tanto quanto as expressões do público que ali se emocionava com os fortes e marcantes assuntos que trazíamos, pois a mística não é para si e sim para “a sua coletividade presente e para aquela que ainda irá nascer.” (Bogo, 2012, p.479).

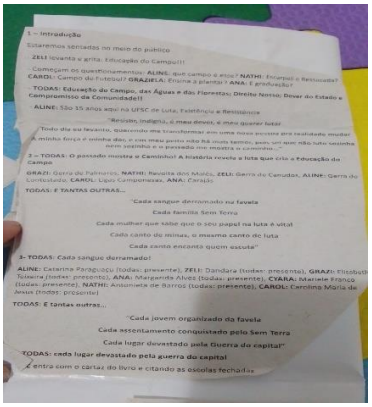
> A mística na militância é como a força de germinação que existe dentro das sementes. Assim como saem da dormência as gêmulas das sementes, despertam os militantes para a história como sujeitos conscientes de suas funções sociais. Descobrem as potencialidades das mudanças adormecidas nos contextos sociopolíticos e desvendam, na penumbra dos processos, possibilidades de agregar elementos diferenciadores que impulsionam as mudanças sociais. (Bogo, 2012, p.477)

Primeiro encontro

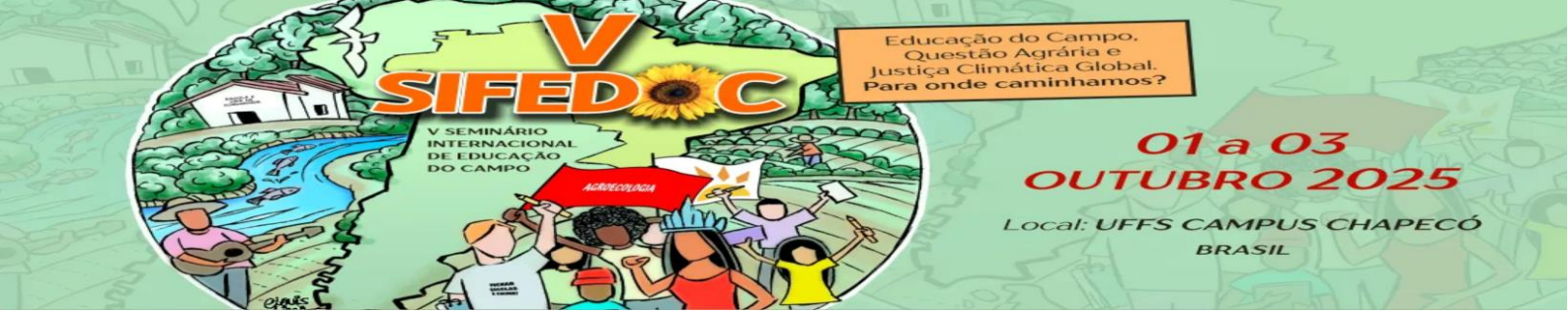


Companheiras de mística/ Acervo pessoal

Roteiro



Roteiro da mística/ Acervo pessoal



Último encontro



Ensaio geral com instrumentos e roteiro final/ Acervo pessoal

Mística

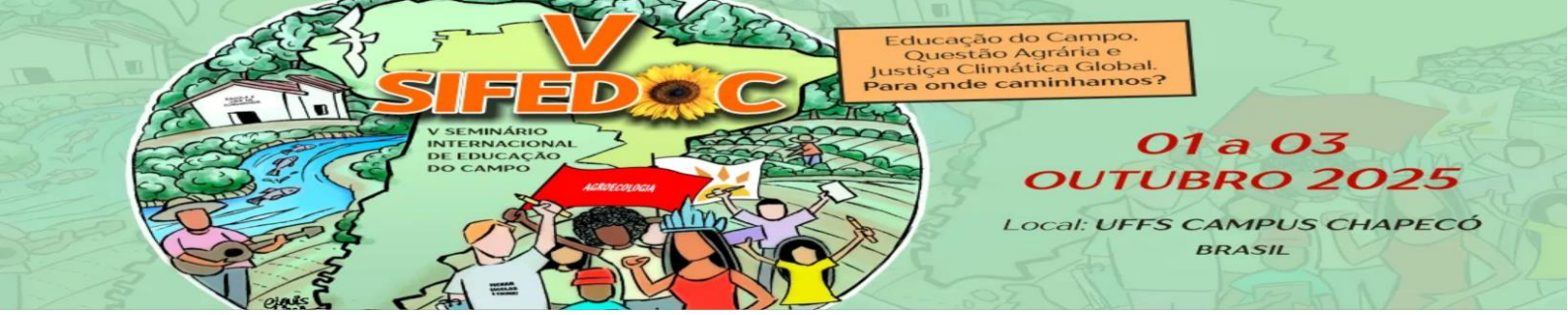


Acervo pessoal

Seminário de 15 anos da Educação do Campo na UFSC



Acervo pessoal



Conclusão

Em suma, podemos concluir que a mística não é somente uma parte separada de todo o resto e sim, a parte que impulsiona, oferece resistência, esperança e solidariedade para quem enfrenta as batalhas e as forças que oprimem. Nesta junção de mulheres e companheiras, foi possível vivenciar a potencialidade da coletividade apesar dos efêmeros encontros, porém, com inalteráveis transformações.

A construção da Mística para o Seminário de 15 anos do Curso de Licenciatura da UFSC permitiu mobilizar uma formação crítica, estética, artística e criativa revelando a importância da mística como um processo, o que é fundamental para a formação de professores para o Campo, tal como almejamos construir.

Referências bibliográficas

BOGO, A. **Identidade e luta de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação do Campo.** Brasília, 2018. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/secretaria-de-regulacao-e-supervisao-da-educacao-superior-seres/30000-uncategorised/90931-educacao-do-campo Acesso em: 15 ago. de 2025.

CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.